

## O ITINERÁRIO FRANCISCANO

### THE FRANCISCAN ITINERARY

Frei Aldir Crocoli<sup>1</sup>

#### RESUMO

O Itinerário é uma estratégia de estudo e reflexão organizada pela rede SCALIFRA-ZN para oferecer a formação franciscana aos colaboradores que atuam nas 8 Escolas Franciscanas de Educação Básica e na Universidade Franciscana - UFN. Desde 2021 vem promovendo a leitura e aprofundamento da vida de São Francisco de Assis. Neste artigo apresenta-se um panorama geral dos temas e possíveis ramificações refletidas a partir das fontes franciscanas na formação em humanidades.

**Palavras-chave:** Pensamento Franciscano, educação franciscana, humanidades

#### ABSTRACT

*The Itinerary is a study and reflection strategy organized by the SCALIFRA-ZN to offer Franciscan training to collaborators who work in the 8 Franciscan Schools of Basic Education and at the Franciscan University - UFN. Since 2021, it has been promoting the reading and deepening of the life of Saint Francis of Assis. This article presents an overview of the themes and possible ramifications reflected from the Franciscan sources in the humanities formation.*

**Keywords:** Franciscan Thought, Franciscan Education, Humanities

---

1 Frei Capuchinho. Possui graduação em Filosofia pela Universidade Católica de Pelotas (1973), graduação em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (1977), mestrado em Teologia - *Pontificium Atheneum Antonianum* (1981) e doutorado em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (2003)., atuando principalmente nos seguintes temas: paz, cidadão, direitos humanos, democracia, pessoa humana, leprosos, realização humana, excluído, *quénosis*, História das Fontes Franciscanas, releitura das fontes, história do movimento franciscano, espiritualidade franciscana.

## INTRODUÇÃO

Em 2022 a SCALIFRA-ZN se propõe a um curso de aprofundamento: “Das Fontes a uma Pedagogia das Escolas Franciscanas”, procurando beber do jeito de ser e viver de São Francisco, pois acredita que nada mais coerente a uma instituição do que aprofundar seu carisma, do que dar-se conta da herança de que é portadora, do que retomar suas intuições primigênicas e tentar sua atualização, vendo sua incidência no presente de sua história, com vistas ao futuro. Certamente que não se tratará de uma busca simplesmente racional e científica, destinada a terminar com o encerramento do curso. Antes quer ser uma planta da qual se esperam, no futuro, muitos e significativos frutos para que haja o nascimento de um novo ser humano, de um novo cidadão e de um novo cristão.

Nesta perspectiva são escolhidos oito subtemas para a edição do Itinerário Franciscano, que já de *per si* revelam a riqueza que será partilhada como que em forma de mutirão, pelos profissionais que trabalham nas instituições, refletindo os temas não voam pelas alturas das esferas acadêmicas e sim perambulam pelo chão onde se desenrola o viver cotidiano. Francisco tem muito a nos ensinar, mesmo se ele não frequentou Universidades. De fato, há um conhecimento adquirido nas academias - sempre necessário - mas há um conhecimento que brota da reflexão sobre a vida feita sob a luz do Senhor, e este é o mais essencial. Este é o saber-sabedoria que a academia não consegue transmitir. Francisco é portador deste último tipo de saber, e os temas propostos apontam para ele.

Agradecemos a confiança depositada neste que lhes fala, embora tenha dúvidas se conseguirei atender às expectativas dos mentores do evento. Temos a clara consciência de conhecer um pouco a respeito de Francisco de Assis e mais ainda, e isso sem nenhuma retórica, temos consciência da necessidade de avançar mais e mais no aprofundamento deste homem do século XIII que ainda hoje é uma referência universal, pois como escreveu a respeito dele Eloi Leclerc, Francisco é o “arquetipo do ser humano”, isto é, o modelo profundo de como nós todos deveríamos ser. Exatamente neste sentido, disse certa vez, Dom Frei Ângelo Salvador, em 1976, em Porto Alegre: “Francisco desperta em nós a saudade daquilo que deveríamos ser”. Olhar para ele, deixar-se “mensurar” por ele, buscar nele respostas aos desafios que se vive, eis uma tarefa sempre inacabada à qual é forçoso retornar constantemente.

Gostaríamos, antes de mais nada, de fazer uma breve ressalva, especialmente para quem não está familiarizado com o pensamento de Francisco de Assis. Ele foi eleito pela revista Times como o homem, a personalidade do segundo milênio, aquele que mais tem contribuído com o verdadeiro desenvolvimento da humanidade, mas ele não tinha curso de pedagogia, nunca foi professor, numa administrou uma escola, não desenvolveu métodos pedagógicos como Maria Montessori, como Jean Piaget, como Jean Jacques Rousseau, como Paulo Freire, como Moacir Gadotti e tantos outros. Francisco teve apenas o curso escolar médio (C. Paolazzi). Mas ele conseguiu viver a partir do essencial, superando todas as resistências pessoais e sociais. Sua resiliência o elevou às alturas enquanto ser humano, tornando-o modelo por excelência do que significa ser gente. Ele, mais que nos oferecer normas concretas, nos propõe orientações gerais, princípios de vida. Estes servirão como luz para nós os aplicarmos à escola como método pedagógico. Passemos agora a uma rápida abordagem, qual aperitivo, de alguns dos temas que serão abordados ao longo deste curso.

## TEMAS E PANORAMAS E RAMIFICAÇÕES

O primeiro tema, previsto, trata da confiança em Deus como base de uma pedagogia franciscana. A Bíblia tem uma frase muito forte quando diz “maldito o homem que confia no homem”. Não se trata apenas de não confiar nas pessoas individuais. Devemos relativizar até a ciência, por mais segurança que pareça nos oferecer. A maioria das pessoas se dirigem por si mesmas, agem a partir das ideias que tem na cabeça, e vivem a convicção de estar no caminho certo. Nada mais falcioso. Quem não antepõe a si o Senhor da vida, acaba por se considerar ele próprio “o senhor do universo”. Esta postura conduz à rivalidade, à concorrência, à divisão e, por que não, à própria guerra. É o lamaçal em que se encontra a humanidade nestes tempos.

Diz o Anônimo Perusino 37,3, uma singela e importante obra escrita em 1241, que Francisco para fazer prescrições, admoestações ou repreensões aos irmãos, “antes consultava o Senhor”, para ver se Deus lhe confirmava o que ele iria dizer. Não dizia o que ele achava certo, mas sim aquilo que, segundo ele, melhor agradasse a Deus. Aliás este é o conselho que deu também a Frei Leão, sempre inseguro a respeito de como proceder na vida. Recomendou-lhe algo, ao mesmo tempo, fácil e muito exigente. Disse na carta que lhe escreveu: “Qualquer que seja o modo que melhor te pareça agradar ao Senhor Deus e seguir suas pegadas e sua pobreza, faze-o com a bênção do Senhor e com minha obediência” (Ct Leão, 3).

Quando ainda em processo de conversão, diante da escolha difícil de continuar buscando honrarias e grandezas humanas ou servir o Senhor na humildade e solidariedade com os excluídos, estando a caminho da guerra na Apúlia para obter o título de cavaleiro, em Espoleto, de noite, ele retomou a famosa frase de São Paulo: “Que queres que eu faça, Senhor” (AP 6,6). E, sem pestanejar, obedeceu à voz que lhe pedia voltar para casa e aguardar, mesmo decepcionando completamente a família e frustrando os amigos.

Igualmente quando se lhe apresentaram os primeiros dois companheiros, Bernardo e Pedro, ele não disse: sejam bem-vindos, eu os aceito. Ao contrário, sugeriu: “vamos pedir conselho ao Senhor”. E foram rezar na igreja de São Nicolau, e depois, abriram o Evangelho por três vezes, como pedia a tradição popular para conhecer a vontade de Deus. Após a tríplice abertura que mostrava a necessidade de desfazer-se dos bens, de renunciar a si mesmo e ao apoio familiar e social, Francisco exclamou: “Esta será a nossa Regra”. Aliás esta foi sempre sua prática de vida: não agir a partir de si, de suas ideias, mas sempre antes “consultar a Deus”. Por isso na Protorregra dos frades a primeira frase diz: “A Regra e vida destes irmãos é seguir a doutrina e as pegadas de Nosso Senhor Jesus Cristo”. Devemos viver o que e como Jesus viveu. Esta é a Grande Ordem à qual deveríamos sempre obedecer.

Para ele tudo se resumia nesta prática. Tanto que no capítulo dois da mesma Regra, certamente elaborado alguns anos depois, foi estabelecido que, “terminado o ano de provação (noviciado), os irmãos sejam recebidos à obediência” (RnB 2,9), não numa estrutura de Vida Religiosa, não numa missão nobre ou simples. Viver na obediência é viver sempre na escuta da vontade do Senhor. O importante para Francisco é agir “segundo Deus”. Jamais se deveria decidir a partir de si mesmo. Francisco aponta o caminho obediência a Deus, acima de tudo, porque de outro modo nos despersonalizamos e desumanizamos. Mas que não seja como aquela mera frase de um brasileiro em evidência atualmente que, de verdade, nenhum conteúdo contém: “Deus acima de tudo”, desmentida por ele mesmo que ele se coloca acima de Deus.

O tema da confiança em Deus inclui também outra dimensão além da obediência, do empenho em fazer a vontade dele. Esta primeira dimensão que acabamos de abordar depende basicamente de nós humanos. Podemos, porém, olhar agora a confiança desde a perspectiva de Deus, certos de que ele cuida carinhosamente de nós qual um Pai. Uma das coisas que gera conflitos atualmente é a incapacidade de confiar em Deus. Custa-nos crer que Deus realmente nos acompanha, nos protege, inclusive do ponto de vista econômico. Por isso, se vive o afã de garantir a sobrevivência, acumulando propriedades e mais propriedades, dinheiro e mais dinheiro, sempre insatisfeitos com o quanto se tem. Um ditado popular que minha mãe usava frequentemente ajuda a entender o que estamos afirmando: “o dinheiro faz dançar até o urso”. Quer dizer, há pessoas que se desdobram acima das possibilidades, fazem de tudo, permitem-se de tudo para obter dinheiro ou capital. Fazem isto porque seu verdadeiro Deus acaba sendo o ouro. O ouro lhes faz passar por cima de tudo e de todos. Esta é a origem dos males, das desigualdades, das injustiças e das guerras.

Sempre na história, mas especialmente depois da chegada do capitalismo, a humanidade já quase não consegue confiar na Providência Divina. Vive na premência de se garantir o amanhã. Não se trata de ser imprevidente como aquelas cinco virgens do Evangelho ou como os preguiçosos que gostam de mamar do fruto do trabalho dos outros. Nenhuma das duas posturas é sadia. Nem a displicência nem o afã exagerado para garantir-se. Francisco nas duas Cartas aos Fiéis chama de cegos aqueles que só se preocupam em garantir-se materialmente. Ele ensina sobejamente a confiança em Deus. Aprendeu isso dos pobres “para os quais seu coração estava todo voltado para ver e ouvir”, como diz a Legenda dos Três Companheiros (9,5), uma das mais belas fontes franciscanas. Sim, foram os pobres que lhe ensinaram confiar em Deus, e lhes mostraram que Deus cuida de nós. A um rico é tremendamente difícil depositar confiança em Deus. Por isso Jesus disse que é mais fácil um camelo passar pelo buraco de uma agulha do que um rico entrar no Reino dos céus.

Francisco sentia o pobre como que naturalmente levado a confiar em Deus já que não tem riquezas que garantam seu amanhã. Parece fácil confiar quando tudo vai bem. Mas nem sempre é assim. Somente uma boa dose de confiança em Deus permite transcender o desejo insaciável de posses, sempre fonte de rivalidades e intrigas em desfavor da fraternidade, porque as riquezas cegam para o valor do outro, porque obriga os demais a viver em função de meus interesses. É isso, em outros termos, que diz a Legenda dos Três Companheiros (35,7). Por isso a confiança de que Deus nos acompanha e ampara precisa estar sempre acompanhada de certa insegurança econômica, isto é permitir que Deus possa se ocupar de nós.

Um segundo tema encantador desse curso sobre o Itinerário franciscano é a acolhida como fundamento da pedagogia franciscana. Se há uma realidade que atinge milhões, até bilhões de pessoas é a exclusão. É duro sentir-se excluído; seja de uma mesa de refeição, seja de uma participação na condução de um empreendimento, seja de uma comunidade eclesial, seja devido a uma doença contagiosa, seja por orientação sexual, etc. A exclusão anula e aniquila a pessoa, faz sentir-se um João Ninguém, um zero à esquerda. O isolamento forçado que tivemos de manter devido à pandemia do coronavírus, impedindo-nos de ver nossos familiares e amigos, de ir ao trabalho, foi apenas uma pequeníssima amostra do que é ser excluído. Experiências maiores de exclusão todos nós com certeza já experimentamos.

No tempo de Francisco de Assis os mais excluídos eram os leprosos. Quando em alguém era identificada a lepra, precisava chamar um sacerdote que fazia, na casa, a cerimônia das exéquias, colocava

cinza na cabeça do empestado e, depois, através dos guardas municipais, era enviado a um leprosário donde não poderia jamais sair, pelo resto de sua vida. Este empestado era tido como um morto-vivo para a família e para a sociedade. Francisco confessa no Testamento (1-3) que foi exatamente a convivência com estes que fizeram nascer um mundo novo dentro dele: “o amargo se transformou em doçura da alma e do corpo”. Acolhendo a estes, descobriu o que significa ser irmão, de todos, em qualquer circunstância, não importando a situação em que se encontrem.

Outro grupo humano totalmente excluído no século XIII eram os muçulmanos, vistos pelos cristãos, quais encarnações do demônio, seres de pura maldade. A Igreja organizava cruzadas para combatê-los. Em 1215, no mês de novembro, durante o IV Concílio de Latrão, ao ser convocada a Quinta Cruzada, Francisco estava lá presente. Sentiu toda a aversão dos cristãos aos muçulmanos. Toda a Europa queria a morte dos muçulmanos. Além de não cumprir nenhuma das tarefas solicitadas para colaborar com esta guerra, quatro anos mais tarde Francisco embarca com o exército cruzado. Estando lá no Egito, Francisco consegue obter do Cardeal Pelágio, comandante supremo dos cruzados, depois de muita insistência, a permissão - não a autorização - de ir à cidade-fortaleza dos islamitas chamada Damietta. E no intervalo entre uma batalha e outra, talvez durante todo o mês de setembro de 1219, convive com o povo muçulmano, e se encontra inclusive com o sultão Malek-el-Kamel. Nasce neles então uma mútua estima e admiração, fator que possibilitará aos franciscanos, até hoje, permanecer em alguns lugares santos para os cristãos, como por exemplo em Belém.

Ao voltar à Itália, contradizendo a prática da igreja institucional, escreve o capítulo dezesseis da Regra não Bulada. Lá ele pede que os frades se portem humildemente, sem arrogância alguma, sem nunca provocar discussões pela diferença de fé e, somente quando sentirem que há condições favoráveis, anunciem explicitamente o evangelho (Cfr RnB 16,6-7).

Além dos muçulmanos, Francisco, pela acolhida, transforma também os ladrões escondidos num bosque na localidade chamada *Borgo San Sepolcro*. Os frades estavam incomodados com estes ladrões que moravam no mesmo bosque e vinham cotidianamente pedir comida. Ao chegar àquele eremitério, Francisco fez que os ladrões se sentissem acolhidos, pedindo para os frades levar pão e vinho a eles, lá na floresta onde se encontravam e dizendo-lhes apenas que deixassem de fazer violências e maldades. No dia seguinte pediu que voltassem aos ladrões, além do pão e do vinho, com queijo e ovos e fizessem abertamente o pedido de se converterem. E estes, os ladrões, começaram a fornecer espontaneamente lenha para o eremitério dos freis. Algum tempo depois, alguns se tornaram frades e os outros votaram pacificamente ao convívio social.

Não eram apenas os seres humanos que se sentiam acolhidos por Francisco. Também os animais que ele tratava com todo o respeito. É conhecida de todos a famosa estória do lobo de Gúbio que matava ovelhas e até pessoas para se alimentar. A cidade toda, com medo, andava armada. Ao chegar aos ouvidos de Francisco tal situação, sem nenhum receio foi ao encontro do lobo. Ao se deparar com aquele animal feroz, depois de o haver saudado gentilmente, fez-lhe reconhecer sua violência, mas também reconheceu que a praticava devido a sua fome. Depois, vai acompanhado da fera à praça da cidade. Reúne o povo e garante ao povo que o lobo respeitará a todos se lhe for fornecida comida. Tendo o povo da cidade aceito o compromisso o lobo coloca a pata na mão de Francisco. E, a partir de então, o lobo se tornou um verdadeiro animal de estimação, amigo de todos. A população chorou quando o lobo morreu

de velhice. É, provavelmente, uma lenda? Sim, mas com um ensinamento de que se não se acolhe, reconhecendo inclusive os direitos do outro, o ambiente vira estado de guerra.

Essa acolhida como reconhecimento da identidade e dos direitos do outro em Francisco acontecia também em relação aos próprios vegetais. Em acolhimento à árvore, Francisco pedia para que fosse cortada (para lenha) somente após o primeiro galho, permitindo-lhe a continuidade da vida. Na horta, as ervas daninhas e aromáticas deveriam ter seu canteiro próprio, etc. Os exemplos seriam inúmeros... Mas, e que diferença entre essa postura de Francisco com o atual agronegócio das monoculturas onde nada, a não ser a soja, o milho, o algodão tem direito a viver! Existe algum tipo de acolhida num latifundiário que desmata quilômetros de floresta para o plantio de soja, “protegendo-a” com herbicidas e inseticidas jogados por um avião? Que reconhecimento, que valor é dado a um pássaro, a uma minhoca, a um animal selvagem, a uma planta secular?

No filme “Somos todos diferentes”, conta-se que nas Ilhas Salomão, quando os nativos precisam derrubar uma árvore eles a cercam e passam um dia inteiro dizendo os impropérios contra ela. Ofendem-na até não poder mais. Por incrível que pareça, em poucos dias a árvore seca. Numa outra cultura quando alguém reincide numa grave falta, também é cercado por toda a tribo, e lhe são ditas e reeditas todas as qualidades e obras boas que esse sujeito tem feito. E o mau indivíduo se transforma.

E então, o que é mesmo acolher? É aceitar o diferente assim como ele é e ajudá-lo a viver sua identidade. É respeitar a diferença do outro, é reconhecer que ele tem valores e direitos inalienáveis que devem ser sempre respeitados. É aceitar que ninguém seja mais importante que outro. Que nada nem ninguém é um inútil e estorvo, nem essencialmente mau! É vê-lo a partir dele mesmo, com olhar de compaixão, e não segundo nosso olhar interesseiro. Acolher profundamente só é possível quando se busca viver a compaixão misericordiosa de Deus Pai. O “*sede misericordiosos como vosso Pai é misericordioso*” não vale somente para a igreja; destina-se a todos os momentos e situações, inclusive nas escolas.

E transferindo-nos agora diretamente para o campo acadêmico, cabe a pergunta: como se realiza a acolhida em sala de aula? Como se respeitam os direitos das crianças, jovens e adultos, sempre frutos de um contexto social e familiar único, sem cair no *laissez faire*? Como se respeita e acolhe o processo e o progresso de cada aluno ou professor, sempre únicos? Como educar, isto é, como fazer desenvolver as potencialidades inerentes em cada ser humano? Naquele filme que citamos “Somos todos diferentes”, quanto esforço e criatividade foram necessários para que o protagonista descobrisse o jeito adequado ao desenvolvimento daquele menino-problema! Como é exigente e, ao mesmo tempo, compensador fazer desabrochar vida em todas as coisas e pessoas! Francisco de Assis o conseguiu. Por isso o Papa atual, também de nome Francisco, coloca o seu homônimo como exemplo por excelência do cuidado pelo que é frágil” (*Laudato Si*, 10).

Neste curso sobre o Itinerário Franciscano, será abordado o tema “Pedagogia Franciscana em reflexão e ação”. Toca-se aqui num ponto delicado deste curso e da própria ciência pedagógica. A tendência humana é criar hábito estáveis. Fazer sempre igual as mesmas coisas. E de certo modo isso é necessário, porque não podemos andar sempre no desconhecido. Precisamos, por um lado, de coisas estáveis, que se tornem familiares a ponto de realizá-las sem reflexão alguma, automaticamente, de olhos fechados. Já imaginaram se tivéssemos de, ao dirigir um carro, refletir a cada vez que se precisa pisar na embreagem? Ou quando vamos falar, se tivéssemos que pensar as palavras como quando se está aprendendo uma

língua estrangeira? Por isso mesmo, o rotineiro se situa entre o bom e o perigoso. Perigoso porque pode trancar o desenvolvimento, inibir processos de crescimento, gerar estagnação. E não só, pode até matar os objetivos maiores, as motivações inerentes ao coração humano. O que Francisco de Assis teria a nos dizer a respeito da reflexão e ação?

Aqui pretendemos acenar a dois breves aspectos do testemunho de Francisco. Em primeiro lugar, segundo o que nós compreendemos dele, a necessidade de optar por valores claros, bem definidos. Claros e definidos para todos e não apenas para aquele ou aqueles que os escolhem. Por exemplo, a primeira frase da primeira Regra, também chamada de Protorregra era assim: A Regra e a Vida destes irmãos é seguir a doutrina e as pegadas de NSJC (RnB 1,1). Nos demais escritos de Francisco encontramos essa mesma ideia repetida mais cinco vezes. Isso é ter clareza de objetivos.

Nas assembleias semestrais dos primeiros oito anos de caminhada do Movimento Franciscano - e depois de 1217 apenas assembleias anuais - que faziam os frades, diante das novas situações colocadas para debate, a pergunta orientativa da reflexão era sempre esta: “Como, nesta nova circunstância, podemos melhor seguir as pegadas de NSJC que nós prometemos?” A decisão era aquela mais coerente com a resposta à pergunta. Este foi o processo de elaboração da chamada Regra não Bulada. E assim, por detrás de cada capítulo, por detrás de cada versículo se esconde uma situação que se desejava aprimorar no processo de seguimento de Cristo. É nesse sentido que esse escrito é chamado de “documento base” do franciscanismo, pelo Frei David Flood. Para entender a Regra, diz ele, é preciso ter presente o que estava acontecendo naquele momento histórico com o Movimento ou na sociedade. E Roberto Romano, um ex-dominicano, falecido em julho de 2021, escreveu que o movimento franciscano se pareceu a uma “assembleia constituinte permanente”, isto é, um grupo social que, a partir de um núcleo forte, firmemente assumido no início da caminhada, ia continuamente refletindo as novas circunstâncias da história. Seguiu princípios e valores perenes, e não normas e leis imutáveis.

Outro exemplo preclaro de ação-reflexão nos dá o próprio Francisco. Quando no último mês de vida, isto é, em setembro de 1226, escreveu o Testamento para servir de orientação aos frades após sua morte, em primeiro lugar, durante a metade do texto, ele se atém a fazer memória dos valores vividos nos momentos iniciais do Movimento, tais como: a participação na vida dos excluídos, a vivência da fé na mesma dinâmica de doação e entrega de Jesus na Cruz e na Eucaristia, o Evangelho como norma suprema, a subalternidade social e eclesial demonstrada no assumir a condição de trabalhador braçal e no caráter laical do movimento, habitar em casas modestas que reflitam a condição de “*Fratres Minores*, Irmãos Menores” e o anúncio da paz a todos que encontrasse. Queria que estes valores orientassem sempre o caminhar dos seus seguidores no futuro.

Pensamos que o desafio que a pedagogia enfrenta não é tão diferente: ter sempre princípios sólidos e claros, consonantes com o Evangelho, sempre referência última para o modo humano de ser, e, a partir deles iluminar as novas situações, em reflexão e ação como é a proposta para o mês de junho. Talvez não faça grande diferença a ordem das palavras, todavia Francisco com certeza preferiria dizer em ação e reflexão. Acontece que a referência básica deve ser a ação refletida mais que a reflexão em prática. Os livros (a reflexão), sim, são auxiliares necessários, mas o ponto de partida será sempre a vida, os fatos da vida. Um feedback desta qualidade evitará a estagnação, possibilitará avançar, descortinará sempre novos horizontes no campo da educação e em qualquer outro.

A respeito do tema “Francisco, suas palavras e seu propósito”, previsto para agosto, à primeira vista parece um “*Mare Magnum*”, porque são muitíssimas as palavras de Francisco. Ao mesmo tempo, pode significar algo muito específico e concreto, porque seu propósito era basicamente único: “Seguir os passos de NSJC”, *Segui vestígia ejus*, para usar suas próprias palavras. Como vimos, essa expressão ocorre seis vezes nos seus escritos. Todas as suas palavras, todos os seus escritos convergem nesta direção. Seu primeiro biógrafo, Frei Tomás de Celano, na primeira das cinco obras que escreveu sobre o Santo, em 1228, conta que “a mais sublime vontade, o principal desejo e supremo propósito dele era observar em tudo e por tudo o santo Evangelho, seguir perfeitamente a doutrina e seguir os passos de NSJC com toda a vigilância, com todo o empenho, com todo o desejo da mente e com todo o fervor do coração (1Cel 84,1).

Porém, melhor que seu biógrafo, se expressa nosso protagonista. Em dois textos escritos por Francisco, em torno de 1220, um no capítulo 22 e outro no capítulo 23 da Regra não Bulada, nós encontramos essas palavras: “Rogo a todos os irmãos (...) que, removido todo o impedimento e todo o cuidado, postergada toda a preocupação, do melhor modo que puderem, esforcem-se por servir, amar, honrar e adorar o Senhor Deus com o coração limpo e com a mente pura, pois é isto que ele deseja acima de tudo” (RnB 22,26). E no capítulo seguinte, prossegue: “Nada, portanto, nos impeça, nada nos separe, nada se interponha entre nós; em toda a parte, em todo o lugar, em toda a hora, em todo o tempo, diária e continuamente (...) amemos, honremos, adoremos, sirvamos (...) rendamos graças ao altíssimo e sumo Deus eterno” (RnB 23,10).

## PARA FINALIZAR

Talvez não será necessário frisar que Francisco não nos convida à alienação da realidade histórica. Nada seria mais antifranciscano do que pensar desse modo. O que ele deseja é que tudo seja realizado à luz de Deus, em consonância com ele, segundo sua vontade. Andar, viver e refletir a partir de Deus é o único caminho para resgatar nossa verdadeira identidade de criaturas entre as demais criaturas, algo tão esquecido nestes tempos, porque como aponta Yuval Harari no seu livro “*Homo Deus*, uma breve história do amanhã”, no futuro, uns poucos seres humanos se sentirão muito poderosos, quais semideuses, contudo gerando ao seu redor um mar de miséria e sofrimento, diante do qual se mostrarão totalmente insensíveis. A presença de Deus, a obediência ao seu projeto, quer para os homens, quer para o planeta, é fundamental para o avanço e a realização da história.

Novamente voltamos a agradecer o convite, pedimos humildemente desculpas pela nossa pequenez. E, sobretudo, convidamos, convocamos, insistimos, como diria São Paulo, a tempo e a contratempo, para que se participe neste mutirão de reflexão. Serão seguramente encontradas algumas pérolas preciosas. Avante sempre. E nos despedimos como a saudação hoje costumeira entre os franciscanos: Paz e Bem.